# **AMORIM NEWS**

ANO 39 / NÚMERO 2

# Descortiçamento, o regresso ciclo após ciclo

Anualmente, entre meados de maio e meados de agosto, homens e mulheres percorrem as florestas de sobro à procura de todos os sobreiros com a marcação que indica estarem novamente prontos para a extração da sua casca. Ciclos de nove anos, tantos quantos são necessários para a completa regeneração do *Quercus suber* L. O descortiçador, em cada movimento, confirma a perícia, a destreza e a habilidade necessárias deste processo ancestral exigente, reservado apenas a quem conhece profundamente a prática, a técnica e o *know-how* que permitem executar o especializado trabalho sem jamais ferir a árvore. Tudo num ritual que nunca é igual. Apenas uma certeza: a de um regresso ciclo após ciclo.



- **3** Editorial Paulo Américo
- **4** Loja da Google com mobiliário de cortiça galardoada nos NYCxDESIGN Awards
- **5** Cortiça é um dos materiais de eleição do conceito «Green Building»
- **6** «A cortiça é um material que me fascina» João Luís Carrilho da Graça
- 9 Tiradia: Natureza e tecnologia em harmonia
- **12** «Sem indústria não há produção florestal, e sem produção florestal não há indústria»
- 14 A irrepetível combinação de criatividade, inovação e design
- 17 Subpavimento com materiais reciclados da NIKE
- **18** Employer Branding: a contínua aposta nas pessoas
- 20 42 Porto, uma missão repleta de oportunidades
- **21** Amorim volta a vencer Prémio de Sustentabilidade da revista World Finance
- 22 Melhores vinhos do mundo utilizam rolhas de cortiça
- 23 Traços de Gente



A exploração das florestas de sobro acontece há vários séculos, dominada por práticas e normas mantidas quase inalteradas ao longo dos tempos. O número de mãos intervenientes nas atividades de descortiçamento, amontoamento, empilhamento, carregamento e descarregamento ainda hoje é muito elevado. As mudanças mais significativas aconteceram já no final do século XX, com a gradual mecanização de alguns processos, associados sobretudo ao transporte de cortiça. Atualmente, e fruto de específicos contextos sociais, culturais e económicos, o número de trabalhadores especializados nestas tarefas tende a diminuir.

O mais nobre desses trabalhos é o descortiçamento, ou a «tiradia», na linguagem popular dos descortiçadores, uma operação que muito influencia a vitalidade, a resistência e o equilíbrio da árvore. Anualmente, entre meados de maio e meados de agosto, homens e mulheres percorrem os montados à procura dos sobreiros com a marcação que indica estarem novamente prontos para a extração da cortiça. Ciclos de nove anos, tantos quantos são necessários para a completa regeneração da casca do Quercus suber L. O descortiçador, em cada movimento, confirma a perícia, a destreza e a habilidade necessárias deste procedimento ancestral exigente, reservado apenas a quem conhece profundamente a árvore, a técnica e a prática que permitem executar o descortiçamento sem jamais ferir a árvore, assegurando uma precisão milimétrica que evita o toque do seu entrecasco. Um ritual que nunca é igual.

Nos últimos anos, a Corticeira Amorim tem investido no desenvolvimento de uma máquina para a extração de cortiça, substituindo o tradicional machado de descortiçar por um equipamento mecânico que torna mais leve o trabalho do descortiçador. A partir de um primeiro protótipo existente no mercado, tem-se aperfeiçoado, otimizado e testado este

equipamento de precisão ultra milimétrica que incorpora sensores de humidade capazes de detetar com antecedência o momento em que a lâmina está prestes a tocar o entrecasco, evitando esse contacto.

Em 2021, estes equipamentos foram usados na extração de 250 mil arrobas de cortiça. Com os *upgrades* incorporados resultantes da sua experimentação em várias campanhas de descortiçamento, pretendemos continuar a implementar o equipamento de extração, operando uma verdadeira revolução nesta operação. O objetivo é alargar a utilização do mecanismo entretanto patenteado, permitindo que, dentro de dois ou três anos, se evolua dos atuais 10% para 60 ou 70% da totalidade de cortiça extraída com recurso a esta nova tecnologia.

A ideia matricial deste avanço tecnológico é complementar «a arte humana de saber tirar cortiça», que continuará crítica nas áreas mais sensíveis do sobreiro, com maior eficiência na operação de extração e maior acesso à nobre profissão de descortiçador, já que uma formação específica permite o manejamento pleno da máquina, garantindo esta a segurança do descortiçamento – para o sobreiro e para o operador.

Passo a passo, tarefa a tarefa, a Corticeira Amorim assume a missão de líder do setor. Continuaremos a desenvolver a missão de inovar em todos os processos da cadeia de negócio promovendo a partilha global de boas práticas, de sistemas de inovação, de investigação e de desenvolvimento florestal.

Sempre com o propósito de assegurar um futuro sustentável para a fileira da cortiça.

ANO 39 NÚMERO 2 SETEMBRO 2022

Sede

Rua Comendador Américo Ferreira Amorim, nº 380 4536-902 Mozelos VFR Portugal

**Propriedade**Corticeira Amorim

**Coordenação** Rafael Alves da Rocha **Redação** Editorialista

**Opinião** Paulo Américo

**Edição** Corticeira Amorim

**Projecto gráfico** Studio Eduardo Aires Studio Dobra (paginação) Tradução inglês Sombra Chinesa

Tradução Alemão, Espanhol, Francês Expressão

Impressão e Acabamento Lidergraf – Artes Gráficas, S.A.

**Distribuição** Iberomail Correio Internacional, Lda Embaladora

Porenvel Distribuição, Comércio e Serviços, S.A.

Periodicidade Trimestral

**Tiragem** 22.000 exemplares

Depósito Legal 386409/15



A Corticeira Amorim, S. G. P. S., S.A. compromete-se a proteger e a respeitar a sua privacidade. Poderá deixar de receber a Amorim News em qualquer altura. Para o efeito, envie-nos um email para press@amorim.com. Para mais informações sobre as nossas práticas de privacidade, bem como sobre o exercício dos seus direitos realtivos aos seus dados pessoais, consulte a nossa Política de Privacidade, disponível em www.amorim.com

# Loja da Google com mobiliário de cortiça galardoada nos NYCxDESIGN Awards



© Google & Paul Warchol, 2021

A primeira loja física da Google em todo o mundo, cujo mobiliário é feito integralmente em cortiça portuguesa, foi galardo ada nos NYCxDESIGN Awards 2022 ao vencer a categoria de Impacto Ambiental. Integradas no projeto desenvolvido pelo gabinete de arquitetura nova-iorquino Reddymade, as peças em cortiça foram desenhadas, concebidas e produzidas pelo também designer americano Daniel Michalik. Beleza, carácter e sustentabilidade foram algumas das premissas para a escolha da cortiça da Corticeira Amorim para equipar o novo espaço comercial do gigante tecnológico que cruza, assim, natureza, inovação, história, indústria e cultura.

Alcançar o status LEED Platinum, a certificação mais alta possível dentro do sistema de classificação de edifícios verdes «Liderança em Energia e Design Sustentável», era um dos propósitos basilares da Google. Nesse pressuposto, a opção pela cortiça, um dos materiais mais sustentáveis à face da terra, com características singulares em termos de retenção de CO<sub>2</sub> e detentor de um inesgotável potencial de práticas circulares surgiu como uma preferência natural. Além do mais, a cortiça é leve, versátil, resiliente, suave ao toque e visualmente apelativa. Um conjunto de mais valias ao qual Daniel Michalik junta o facto da cortiça revelar-se

como «uma folha em branco, onde os clientes poderão eventualmente projetar as suas ideias, conceitos e experiências do material, interagindo num único espaço. Sofás, poltronas, estantes, cadeiras, balcões, bancos de bar e mesas de centro foram apenas algumas das peças de mobiliário criadas exclusivamente para a loja da Google em Nova Iorque. Uma coleção que inclui ainda objetos para um espaço infantil como camas, escrivaninhas e mesinhas de cabeceira. Tudo soluções funcionais em grande escala que combinam a cortiça nacional com o carvalho branco americano.

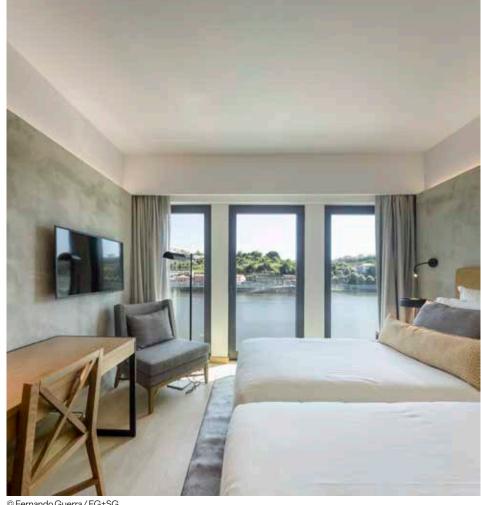
# Cortiça é um dos materiais de eleição do conceito «Green Building»

A Amorim Cork Flooring forneceu o pavimento para todos os quartos do NEYA Porto Hotel, o 1º hotel em Portugal a receber a certificação LEED GOLD (sistema de classificação de edifícios verdes «Liderança em Energia e Design Sustentável). A distinção, concedida pela organização não governamental United States Green

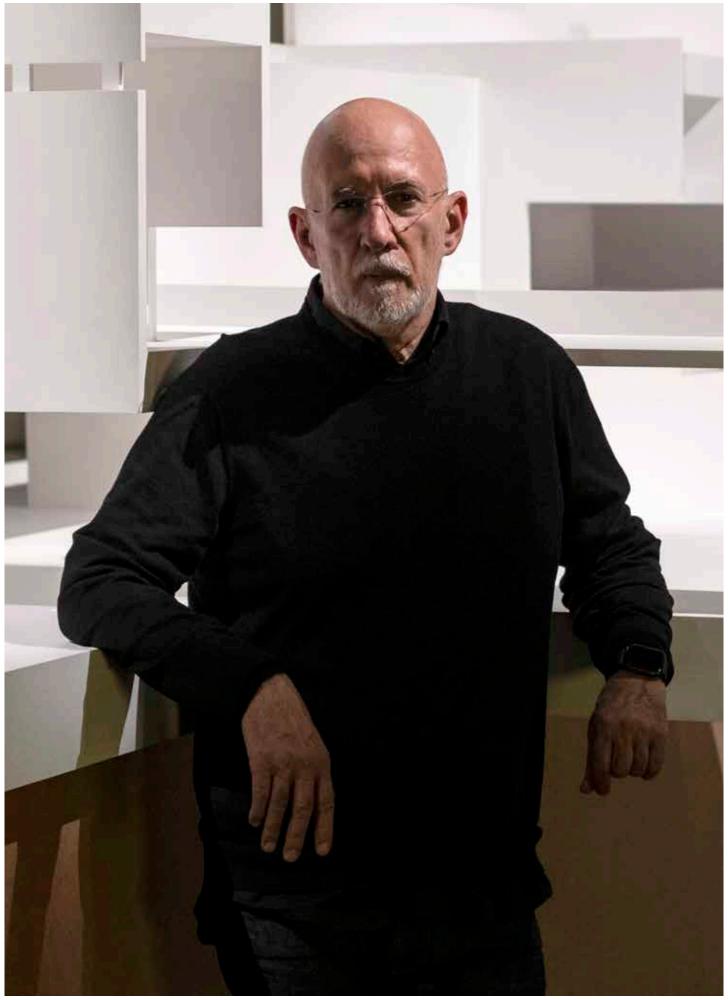
Building Council com o intuito de promover práticas de construção sustentáveis, reforça assim o papel da cortiça como material de eleição do conceito «Green Building». Um novo paradigma que aponta para a utilização de soluções sustentáveis, energicamente eficientes e derivadas dos princípios de economia circular.

Equipados com pisos da gama Wicanders Wood, os quartos do NEYA Porto Hotel beneficiam, então, dos inúmeros atributos da cortiça, uma matéria-prima 100% natural, reciclável e renovável. Isolamento acústico, conforto térmico e melhoria da qualidade do ar são apenas algumas das propriedades que sustentarão uma estadia mais saudável naquela unidade hoteleira. Bem-estar ao caminhar, resistência ao impacto e alta performance complementam o quadro de benefícios conferidos pelos pavimentos de cortiça ao alojamento portuense. O NEYA Porto Hotelinclui ainda na sua oferta duas suites AMORIM, aposentos que para além dos pisos de cortiça também dispõem de revestimentos Dekwall. Uma coleção de revestimentos de parede da Amorim Cork Flooring com visuais de cortiça que proporcionam a atmosfera perfeita. O contributo do NEYA Porto Hotel no

combate às alterações climáticas, na defesa dos valores da sustentabilidade e na promoção de um Planeta Verde revela-se igualmente em matéria de energia renovável (100% de emergia proveniente de fontes renováveis), na compensação de emissões de carbono (neutro em carbono através de reflorestação de áreas florestais) e através da redução de resíduos (sacos de algodão reutilizáveis, consumos de água da torneira, palhinhas biodegradáveis, etc.). Ações de reciclagem, disponibilização de bicicletas e vários postos de carregamento para carros elétricos são outras medidas da unidade hoteleira que justificam a chancela: «The key to a greener planet is you». O projeto de interiores do NEYA Porto Hotel tem as assinaturas do atelier PK arquitectose do Colectivo ODD.



© Fernando Guerra / FG+SG



© Fernando Veludo/EXPRESSO

# «A cortiça é um material que me fascina»

A propósito da exposição «Flashback/Carrilho da Graça», patente na Casa da Arquitetura (Matosinhos) até ao final de janeiro de 2023, visitámos, em Lisboa, o atelier do arquiteto João Luís Carrilho da Graça – autor do projeto do novo Terminal de Cruzeiros de Lisboa, que apresentou, pela primeira vez, uma solução inovadora que combina a cortiça com o betão. Partindo desta exposição retrospetiva que reflete sobre 40 anos da sua carreira, seguiu-se uma conversa que olha para o futuro – da arquitetura, da cortiça e do mundo.

Em abril, abriu em Matosinhos uma exposição dedicada ao seu percurso. Esta baseia-se no acervo ali depositado – filmes, maquetes, desenhos, fotografias, etc. -, referências externas à sua obra que com ela dialogam. O que é que significa para si essa exposição de mais de quarenta anos da sua carreira? Essa exposição coincidiu com a mudança que fiz do atelier que eu tinha na calçada Marquês de Abrantes – num prédio pós-pombalino muito bonito – para este espaço onde estamos agora. Tive que fazer obras e reorganizar e arrumar aquilo tudo para que ainda não tinha olhado. Portanto, fiz essa organização e refleti sobre o que tinha feito. Normalmente, não olho para o meu trabalho de forma a que seja passível de ser transformado em exposições, etc. Eu olho para o meu trabalho com um olhar para o futuro, continuidade. Já tinha feito uma outra exposição, mas essa era dedicada à cidade de Lisboa e à minha visão da cidade de Lisboa, e não quis fazer nessa altura uma retrospetiva do meutrabalho. Desta vez era difícil escapar e fiz. Escolhi dez ou onze projetos e obras, juntamente com a curadora, a arquiteta Marta Sequeira. Para a organização da exposição, escolhi a arquiteta Inês Lopo como principal interveniente. Foi uma oportunidade muito interessante e permitiu-me refletir sobre o meu percurso. Quando acabei, portanto, quando a exposição estavajá montada, a Marta Sequeira e outras pessoas comentaram que aquela exposição refletia uma série de temas do meu trabalho com outra realidade. (...) ali estão só dez obras e podia fazer com outras tantas. Mas foi uma seleção que foi feita, sobretudo, para explicar uma certa maneira de fazer arquitetura.

da Graça», esta é, em toda a regra, uma exposição retrospetiva sobre a sua obra. No entanto, através destes objetos, do cruzamento de olhares sobre o seu trabalho, já se vislumbra o futuro. O que é que gostaria de fazer enquanto arquiteto que ainda não fez, com esse futuro em vista? Há uma frase ou ideia que se costuma relacionar muito com os escritores, que é: escrevem sempre o mesmo livro. Em relação a nós, arquitetos, de uma certa maneira também acontece isso; ou seja, nós temos sempre um conjunto de preocupações que vamos tentando levar o mais longe possível, a propósito de sítios e sistemas construtivos diferentes, mas o que tentamos fazer tem sempre um objetivo que se vai sucedendo no tempo e criando variações, mas que é quase sempre semelhante. O objetivo é tirar partido do sítio em que estamos a construir, neste planeta fabuloso. Quando eu digo construir, pode ser um edifício, uma intervenção, pode ser, por exemplo, o Campo das Cebolas. Mas nós temos que, se possível, revelar as coisas mais intensas e interessantes desse sítio a partir da intervenção que vamos fazer. Uma certa estratégia, digamos. Uma das coisas que mais me fascina na arquitetura é a possibilidade de construir num certo sítio um conjunto de situações que quanto mais interessantes e intensas, melhor. Depois, o outro aspeto é utilizar sistemas construtivos adequados, querpela economia, querpela ecologia, querpelas qualidades expressivas que eles nos podem ajudar a atingir. Com estes aspetos, e a ideia de que em qualquer sítio em que se vai construir, nós vamos tentar encontrar um espaço que, no fundo, abriga a nossa vida, e que a torna mais intensa, mais pacífica. Há um conjunto de objetivos que depois se vão tentando concretizar caso a caso.

Com o título «Flashback/Carrilho

Deixe-me recuperar o título de uma entrevista que deu ao Expresso: «O desafio da arquitetura é resolver problemas e não reclamar-se como arte». O que me esteve aqui a dizer, de alguma maneira, foi apresentar um conjunto de verdades com as quais tem que construir alguma coisa que deve ser harmoniosa. Mas, se alguma coisa tiver que se sobrepor a outra, e pelo que depreendo, a arte nunca será a prioridade, mas sim a habitabilidade, o abrigo.

Mas, repare, eu não sou um artista. Se eu quisesse ser um artista, tinha entrado nessa via, tentava fazer arte, uma reflexão através da arte e propô-la às pessoas, com uma

certa radicalidade e liberdade que se espera de um artista. É completamente diferente do que se espera de um arquiteto. O que se espera de um arquiteto, a sua reflexão, tem a ver com a ideia de construir um abrigo para a vida das pessoas, enquanto a arte até pode ser o contrário. Embora possa parecer que são coisas parecidas, e muitas vezes os arquitetos dizem que a arquitetura pode ser uma forma de prática artística, eu acho que isto não é verdade. Pode ser uma forma de eles embelezarem a sua obra, mas acho que isso não é necessário.

# Nasceu em Portalegre, área de cortiça. Qual é a sua primeira memória da cortiça?

Quando penso em Portalegre, não me aparece o sobreiro nem a cortiça na memória, porque Portalegre está na transição entre a serra, a Serra de S. Mamede, e a cidade constrói-se numa espécie de promontório, plataforma, a olhar para a planície. Nasce na planície a que José Régio chamava mar. E numa relação cenográfica que eu gosto imenso com uma pequena colina que se chama a Serra da Penha. Portanto, não associo Portalegre à cortiça, mas não quer dizer que não goste imenso dessa paisagem e dessa realidade, da floresta do sobreiro, que é extremamente interessante e lindíssima. Talvez uma rolha? Estou a brincar, mas não sei, não tenho uma primeira memória da cortiça. É um material que me fascina e de que eu gosto imenso, mas não tenho essa memória.

# Então quando é que a entendeu como material passível de entrar nos seus projetos?

Eu acho que o trabalho que foi iniciado pela experimentadesign, com vários arquitetos e designers a refletir e a fazer trabalhos com a cortiça, teve uma grande importância. Antes disso, nós não tínhamos muitos dados sobre a utilização prática da cortiça, apenas da utilização tradicional da cortiça na sua forma natural. Desde essa tradição até aos nossos dias há um certo hiato que foi retomado com o trabalho da experimentadesign. Eu já tinha utilizado aqueles aglomerados de cortiça para chãos em lambris, mas não era uma coisa que eu adorasse. Depois, realmente, a utilização e a reflexão sobre a cortiça, que é algo completamente extraordinário, começou a desenrolar-se.

# Quando é que chega ao Terminal de Cruzeiros de Lisboa?

Isso é relativamente pragmático. Quando a Administração do Porto de Lisboa avançou com o concurso para o projeto do Terminal de Cruzeiros, já tinha feito as fundações. Já havia uma série de pontos onde era possível colocar os pilares. Enós partimos daí, era uma modulação de oito metros, e quando os engenheiros nos disseram que as fundações e as alçadas não podiam ser em betão porque as fundações não aguentavam, daí surge a possibilidade de testar esta mistura, que é uma coisa completamente inédita. Mas às vezes eu funciono um bocado assim. Acho que a possibilidade existe, então vamos explorá-la. Com um laboratório em Coimbra, o ITECONS, a Amorim e a Secil, fizemos esta conjugação de esforços e chegamos a um betão que é muito mais leve mas que mantém caraterísticas estruturais. O resultado foi feliz, e estou à espera de uma oportunidade para voltar a utilizar.

# Esse projeto venceu o Prémio Valmor. Qual é a importância deste tipo de reconhecimento para a carreira de um arquiteto?

É sempre importante. Eu gosto muito desse prémio VALMOR, porque é da cidade onde eu vivo.

# Voltando à parceria com a Amorim, ITECONS e Secil, já ia com uma ideia bem definida do material que ia utilizar?

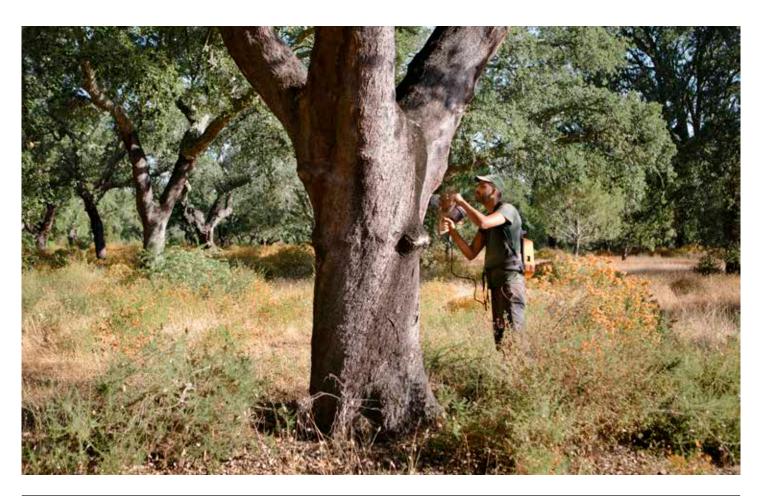
Eu já tinha uma ideia do que queria, mas sem as experiências que foram realizadas isso não seria possível. No entanto, acho que um dos segredos da cortiça é que uma parte substancial deste material é introduzida em pó. É isso que permite que a reação normal do betão se desenrole sem ser prejudicado, pelo granulado de cortiça.

# Aquela pergunta para a qual terá muitas e, ao mesmo tempo, nenhuma resposta. É possível uma arquitetura sustentável? Seja isso o que for?

Isso é uma questão estrutural. Claro que é possível, mas é mais como um objetivo, um caminho para... do que nós pensarmos que qualquer forma de arquitetura pode ser sustentável.

# Tiradia: Natureza e tecnologia em harmonia

No montado, exemplo da cooperação entre o ser humano e a Natureza, a cortiça é extraída há milénios por mãos sábias e experientes, usando técnicas passadas de geração em geração. A introdução de tecnologia no descortiçamento veio melhorar o processo, preservando, contudo, o equilíbrio de um ecossistema único no mundo, e o valor de um saber fazer ancestral.





Uma primavera pouco pluviosa dificulta o trabalho de extração. A cortiça está menos húmida, logo apresenta menos facilidade em desprender-se da árvore. A árvore «dá» à mesma – o sobreiro, do qual se aproveita tudo, da bolota até à casca, é uma árvore generosa – mas em anos mais secos, a cortiça leva mais tempo a soltar-se. Quem trabalha na tiradia – a operação de extrair a cortiça do sobreiro – sabe-o bem. É preciso ainda mais perícia, mais atenção ao detalhe e até suavidade nos movimentos para conseguir extrair o melhor de cada sobreiro sem o danificar. É esse misto de firmeza e delicadeza que torna o trabalho de extração da cortica tão especial, e por isso tão valorizado. Trata-se de um dos trabalhos agrícolas mais bem pagos do mundo: é preciso saber, fazer, e sobretudo saber fazer. Não é para qualquer um.

Feliciano Lopes, conhecido por Xana, trabalha na tiradia há muitos anos. Esta é a sua 43ª campanha, mas o sorriso que exibe, e a vivacidade no olhar, exprimem um contentamento e uma curiosidade mais próprios de um novato. Feliciano coordena a equipa de tiradores nesta manhã na Herdade da Pitamariça de Baixo, perto de Cortiçadas de Lavre, Alentejo. A floresta aqui é bastante densa, muito bela. Feliciano movimenta-se entre as árvores, aproximando-se de cada par de tiradores, que observa com calma, para ver se está tudo bem, recomendar cautela, e dar dicas, sobretudo aos menos experientes. Feliciano está na Natureza, e nota-se que aqui está em casa. Sente-se a proximidade, a familiaridade, que perpassa o rancho. Também a humildade e o respeito que os tiradores mostram perante o sobreiro, não em vão chamado o «monarca da floresta».

## O homem e a máquina

A máquina vai antes, o tirador vai a seguir. Nagrande herdade, um trabalhador vem avisar Feliciano que a máquina já chegou à extrema, terminando os trabalhos numa das áreas reservadas para aquela manhã. Feliciano diz-lhe que parem por agora, que os tiradores irão a seguir terminar o trabalho. Durante anos, a extração da cortiça era feita de forma exclusivamente manual, utilizando um único instrumento, o machado, seguindo técnicas apuradas ao longo de séculos, e transmitidas no seio das comunidades e famílias. Hoje, a tradição mantém-se, mas a tradição já não é o que era. A introdução de tecnologias veio melhorar o processo, facilitando a tarefa aos tiradores e reduzindo o tempo de extração, permitindo contrariar a falta de mão de obra, e aumentar a produtividade, extraindo mais arrobas por dia. No descortiçamento tradicional, os tiradores trabalham aos pares, à volta do tronco, sobre os ramos do sobreiro, fazendo incisões na casca (sem chegar ao casco, que é sagrado e que sofreria com um corte) com a lâmina do machado, e usando o cabo para desprender a casca da árvore, como uma alavanca. Esta ferramenta está progressivamente a ser substituída por máquinas que realizam as duas primeiras fases do processo: uma serra mecanizada fazo corte (na vertical e na horizontal) e feito o corte, uma tesoura vem abrir a cortiça, para que se solte mais facilmente. Como explica o engenheiro João Sobral, um dos responsáveis pela compra de matéria-prima na Amorim Florestal, a introdução de máquinas na tiradia iniciou-se há cerca de uma década, com a utilização de motosserras na extração de cortiça. Depois disso, algumas empresas desenvolvem protótipos adaptados aos sobreiros. «Há cerca de três anos resolvemos tomar o assunto em mãos, numa parceria com a Covless, assumindo o projeto. Hoje internalizámos o processo de desenvolvimento destas máquinas, mas ainda estamos em fase de protótipo». Os protótipos, como os que estão a ser utilizados nesta campanha na Herdade da Pitamariça de Baixo, são «uma motosserra pequena de podas, adaptada com uma parte eletrónica, que nós desenvolvemosum sensor de humidade que permite saber a que profundidade é que a serra pode cortar sem danificar o entrecasco», explica João Sobral. «Depois, veio a tesoura, que é uma tesoura de poda de vinhas adaptada. Enquanto nas vinhas ela fecha, aqui no sobreiro ela abre para descolar as duas pranchas uma de cada lado da incisão».

A introdução destes protótipos permitiu extrair 250 mil arrobas de cortiça em 2021, e com a introdução de melhorias nas máquinas, esperava-se extrair entre 400 e 500 mil arrobas na campanha de 2022, que decorreu até final de agosto. Apesar da mestria de Feliciano, a falta de mão de obra para o trabalho agrícola é um dos principais problemas desta atividade. «A grande vantagem da introdução destas tecnologias é que as mesmas pessoas vão poder tirar mais cortiça. Com a falta de mão de obra que existe, isto permite-nos tirar a cortiça toda, algo que de outra forma não conseguiríamos», conclui João Sobral.

### A humildade do mestre

Feliciano Lopes nasceu há 61 anos, em Cortiçadas de Lavre, e há 43 anos que trabalha na tiragem da cortiça, sempre entre maio e agosto. Depois faz outras coisas, sempre ligadas à terra, até que um novo ciclo de tiradia começa, no maio seguinte. Foi sempre assim, e mesmo mantendo-se os ciclos na sábia Natureza, as coisas estão a mudar. Cada vez é mais difícil encontrar jovens que queiram abraçar a profissão. «Esta mudança, a introdução de tecnologia, está a ser benéfica, devido à falta de pessoal. Se não houver tecnologia, deixa-se de tirar cortiça. As pessoas não querem aprender, querem procurar outros trabalhos, não lhes interessam estes trabalhos do campo». Um aprendiz – novel, como lhe chamam que queira ser tirador começa por ter de saber trabalhar com o machado, explica Feliciano. Depois vai trabalhar com um mestre, sempre em pares, sobreiro a sobreiro, e tem três anos aprender, bebendo do saber fazer de quem lhe ensina. Tem três anos para aprender a tirar cortiça, e depois disso será tempo de «evoluir», como diz Feliciano. Não está escrito em nenhum lado, mas é assim. «Eu hoje, com 61 anos, ainda estou a aprender», resume Feliciano. «Também ensino, mas não sei tudo. Também aprendo». Aprendendo, Feliciano caminha entre as árvores, sempre atento ao que se passa ao redor. Um trator que chega para recolher as pranchas de cortiça, fazendo a carrada que repousará na floresta, e depois na fábrica. As mulheres que passam, juntando as pranchas recém extraídas em montes,

pintando os troncos com o ano da tiradia, despida a árvore. O que se sente? «Sinto que estou a fazer bem à árvore. A extração da cortiça é feita de nove em nove anos. Ao fazer a extração da cortiça, acho eu, a árvore fica satisfeita. Também agradece. Ao limpar a árvore por cima, também, podá-la. No Verão, os dias são mais longos, mas aqui começam bem cedo, o calor assim o obriga. Às sete da manhã o grupo de tiradores já está na floresta. Trabalham toda a manhã, depois param para almoço, ao meio-dia, e voltam à tiradia depois da pausa, até às 16h00. Olhando para a árvore, um tirador já pode pressentir se a cortiça terá mais ou menos qualidade. A «costa» é a parte escura, exterior, a «barriga» é a parte de dentro da cortiça. Quando a costa está lisa, em princípio a cortiça será boa. Mas nada é garantido. Pode haver cobrilha ou outro problema. A pior coisa que um tirador pode fazer a um sobreiro é «picar» o sobreiro. Isto é, chegar com a «machada» ao casco e feri-lo. Feliciano passeia pelas árvores e mostra-nos alguns exemplos, que deixam cicatrizes nas árvores. São poucos, felizmente.

Abrir, traçar, puxar, juntar, levar Numa campanha, todas as árvores marcadas com o mesmo ano são descortiçadas, independentemente do seu tamanho, da sua forma ser mais linear

ou torcida, de terem mais ou menos cortiça. A sequência é sempre a mesma: abrir (incisão vertical), traçar (incisão horizontal), puxar (desprender a cortiça da árvore), juntar e levar para a carrada. Isto significa que uma árvore com pouca cortiça dará exatamente o mesmo trabalho que uma árvore com muita cortiça, só que renderá menos. Os trabalhadores – nesta manhã são um grupo de 35 – não deixam nenhuma árvore para trás. Eles funcionam como um coro, uma unidade que supera a individualidade de cada um, respeitando-a. Exatamente como a floresta que tão bem conhecem, onde cada sobreiro é único, e cada sobreiro faz parte de um todo, o montado, um sistema agroflorestal onde a intervenção humana fortalece a natureza, e reciprocamente. E onde a tecnologia contribui, à sua maneira, para manter o equilíbrio.



# «Sem indústria não há produção florestal, e sem produção florestal não há indústria»

Há mais de quatro gerações na família Pais de Azevedo, a Herdade da Sanguinheira de Codes, no concelho de Abrantes, é um exemplo de boas práticas de gestão florestal, com um grande foco na sustentabilidade. Em entrevista à Amorim News, Joaquim Pais de Azevedo defende um sistema de gestão agroflorestal em equilíbrio, que permita preservar e dar continuidade a este legado, de olhos postos no futuro.

São 620 hectares, duas zonas florestais atravessadas por um comprido vale de regadio, com solos de charneca. Na Herdade da Sanguinheira de Codes, na família Pais de Azevedo há mais de quatro gerações, a Natureza, o tempo e a intervenção humana criaram um sistema agro silvo pastoril onde plantas, animais e humanos convivem em harmonia. A «coluna dorsal» deste sistema, como explica o engenheiro Joaquim Pais de Azevedo, responsável pela herdade, é o montado de sobro, que ocupa 70% da propriedade. Outras culturas florestais, como o eucalipto e o pinheiro

manso, coexistem com o sobreiro, o cupando, respetivamente, 15% e 4% da terra. O restante é área agrícola (8%) e áreas sociais (3%, incluindo uma barragem, na extrema norte da herdade, caminhos e construções). A história da Sanguinheira, que Joaquim Pais de Azevedo e a sua irmã herdaram do seu pai, está presente em cada pedaço de terra, em cada árvore plantada, em cada ovelha que vai fazendo o pastoreio, em regime extensivo e rotacional, movendo-se por cada uma das sete parcelas cercadas que compõem a propriedade, promovendo a regenerescência do montado. Mas é no

futuro que Joaquim Pais de Azevedo tem os olhos postos, consciente de que lhe cabe, tal como às gerações anteriores, preservar o que lhe deixaram, e se possível melhorá-lo. Para isso, conta com a ajuda do seu filho Joaquim Maria, 26 anos, há quatro anos a trabalhar na Sanguinheira. A relação com o sobreiro, e a cortiça, há muito que está enraizada na família, e ao que tudo indica, assim continuará: «Já cá trabalha o meu filho, e o meu neto já tem também esse espírito incutido do sobreiro e da cortiça. Já várias vezes nos acompanhou nas tiragens de cortiça», conta.



# Prémio de Boas Práticas de Silvicultura

Fruto deste trabalho, em 2017, a Herdade da Sanguinheira de Codes foi distinguida com o Prémio de Boas Práticas de Silvicultura, atribuído pelo Prémio Floresta e Sustentabilidade. O produtor florestal enfatiza a importância das boas práticas de gestão florestal, nomeadamente aquelas com maior foco na sustentabilidade, e realça que aquilo que se faz na Herdade da Sanguinheira não é caso único: «Não somos nenhuma exceção», afirma Joaquim Pais de Azevedo. «Gerimos o montado como outros produtores o gerem. Gerir omontado de sobro de uma forma profissional, eficiente e que promova a sustentabilidade tem custos elevados. Mas não gerir bem o montado de sobro também tem custos elevados: a curto prazo pode ser mais fácil, mas a médio e longo prazo o produtor irá ter menos cortiça, e de menor qualidade», resume.

Roma não se fez num só dia, e um montado de sobro saudável, eficiente e sustentável também não. «É um processo longo, não se faz de um dia para o outro», sublinha Joaquim Pais de Azevedo. «Mas é uma questão de manter o equilíbrio – entre solo, pastagem, mato, sobreiro e animais. E tudo isto em simbiose. Sem que cada uma das produções comprometa as outras.»

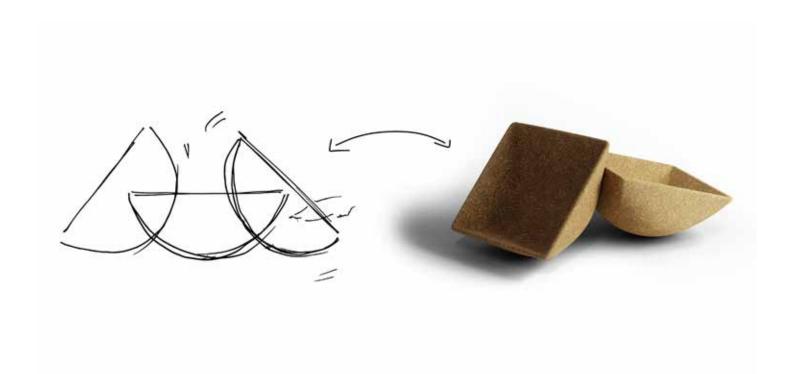
Uma das formas de aumentar a rentabilidade do montado, reside, na opinião de Joaquim Pais de Azevedo, na questão dos serviços de ecossistemas. «O montado de sobro sequestra carbono, ajuda a regular o ciclo hídrico, a prevenir a erosão, e é a base de uma biodiversidade única. Isso são serviços de que todos beneficiamos», afirma. «Estes serviços são um produto do montado que não comercializamos e que devíamos comercializar». A questão, para o produtor florestal, passa pela comunicação, mas não só. «Nós, produtores, não conseguimos passar esta mensagem adequadamente à opinião pública em geral. Quem defende a floresta, quem defende o ambiente, quem defende estes sistemas agro silvo pastoris é o produtor. E o produtor tem de ter rentabilidade. É um bem comum. Mas tem de haver vontade política».

# A evolução do sistema de extração de cortiça

No futuro do montado, esta questão terá de ser equacionada, assim como a evolução do sistema de extração de cortiça, no sentido da introdução, ou disseminação, de tecnologias que permitam melhorar o processo da tiradia. «O desenvolvimento deste tipo de máquinas já tem anos, mas

agora temos a Corticeira Amorim que tem músculo financeiro, e tem vontade, e tem investido muito nestas tecnologias, e na investigação e desenvolvimento. Penso que isso é muito bom, porque se calhar é uma das poucas empresas com capacidade para levar este sistema a bom porto», conclui Joaquim Pais de Azevedo. Ainda no que concerne a investigação e inovação, em particular no sentido de se aprofundar o conhecimento do sobreiro e da cortiça, o Projeto de Intervenção Florestal, impulsionado pela Corticeira Amorim, revela-se estratégico: «Enquanto líder mundial, creio que a Corticeira Amorim tem também uma obrigação de estudar cientificamente esta árvore, o sobreiro. Existe muita tecnologia no que diz respeito à produção e transformação da cortiça, e agora, enquanto produtor florestal, a Amorim aposta também na investigação neste setor. Isto é de louvar, sem dúvida nenhuma, desde que esse conhecimento seja partilhado com toda a produção florestal. Sem indústria não há produção florestal, e sem produção florestal não há indústria. Isto não é nenhum lirismo: temos de estar de bracos dados e a caminhar no mesmo sentido, com o mesmo objetivo».

# Airrepetível combinação de criatividade, inovação e design



Criado em fevereiro de 2022, o ACC Design Studio da Amorim Cork Composites é um departamento multidisciplinar onde a cortiça e o design se cruzam, inspirados pela inovação e pela criatividade. Descobrir novas aplicações e funcionalidades para a cortiça e desenvolver todas as potencialidades do material, do conceito à produção final, é o objetivo deste espaço, que leva a cortiça mais longe, com a sustentabilidade ao centro.

AMORIM NEWS

Raquel Laranjeira, 29 anos, está há quatro anos na Amorim Cork Composites, para onde entrou diretamente da universidade. Estudou design industrial na Universidade de Aveiro e completou a sua formação em Paris e Milão. Como tantos jovens da sua geração, Raquel é uma apaixonada por projetos que fazem a diferença, e nesse sentido trabalhar um material 100% natural, com as credenciais de sustentabilidade da cortiça, é um sonho. Como membro da equipa do ACC Design Studio, o departamento in-house de design da Amorim Cork Composites, parte do trabalho da Raquel é precisamente esse: sonhar. Levar a cortiça mais longe e encontrar maneiras de tornar este material ainda mais apetecível e, sim, mais sustentável, tendo em conta toda a cadeia de valor.

«Aqui no ACC Design Studio, queremos levar cada vez mais ao mercado produtos que são verdadeiramente sustentáveis, desde a origem, ao desenvolvimento, produção, embalagem e transporte. Éum caminho gigante» explica Raquel. «Sabemos que a cortiça é um material sustentável, mas não está tudo feito. Por isso, os projetos que mais me agradam são aqueles que nos dão espaço para fazer coisas novas e experimentar processos novos. Por exemplo, atualmente conseguimos utilizar casca de arroz - um material que de outra forma seria desperdiçado – misturando-a com cortiça num novo compósito».

Porque é importante procurar materiais igualmente sustentáveis que possam trabalhar com a cortiça? Porque a cortiça, sendo um material incrível, e natural, é um recurso limitado. «A cortiça tem muitas vantagens, mas não tem que trabalhar sempre sozinha. Podemos fazer um *mood board* só em cortiça? Podemos, mas será necessário? Também podemos usar casca de arroz, misturada com cortiça, e estamos de facto a pensar em alternativas, a pôr a economia circular a funcionar. Hoje em dia temos de ter essa consciência. Os designers têm de pensar nisso», afirma Raquel Laranjeira.

# Do projeto ao produto

Pensar, projetar, prototipar, produzir. É isso que a equipa do ACC Design Studio faz, concebendo, desenhando e concretizando novos produtos com cortiça e descobrindo funcionalidades nunca antes imaginadas para este material. O estúdio nasceu oficialmente em fevereiro de 2022, para dar resposta, de uma forma mais estruturada, aos inúmeros desafios de desenvolvimento e gestão de produto que chegavam à Amorim Cork Composites.



Utilizando diferentes tecnologias, e sempre a partir do autêntico laboratório de inovação, investigação e desenvolvimento que é a i.cork factory, onde são desenvolvidos e testados todos os protótipos de novos produtos e soluções, o ACC Design Studio tem como principal objetivo desenvolver novos conceitos para a cortiça, direcionados sobretudo, para a casa, o escritório e o lazer. Mas não só: projetos mais experimentais e artísticos, como as colaborações recentes com Ai Weiwei e Pedro Cabrita Reis ou o Summer Pavilion da Serpentine Gallery, também ficam sob a alcada do ACC Design Studio. Numa vertente comercial ou marcadamente artística, trata-se de uma abordagem personalizada, desenhada à medida de cada projeto, que parte de um conhecimento profundo da cortiça como matéria--prima de excelência, e que se apoia numa expertise técnica única, que permite acompanhar cada passo do projeto.

## Três pilares de ação

Emergindo das necessidades do mercado, e dos desafios à volta de um material com um potencial único, que rapidamente se transformam em oportunidades, o ACC Design estúdio tem três objetivos principais que funcionam também como os três pilares da sua atividade. O primeiro objetivo é o desenvolvimento de novos conceitos utilizando cortiça. Aqui, a equipa do estúdio desenvolve conceitos all-in-one para diversas marcas, propondo produtos de cortiça exclusivos que respondem às necessidades de cada cliente. Neste pilar, estão todos os produtos desenvolvidos com cortiça para grandes marcas de retalho, nomeadamente na área do packaging de bebidas, e que muitas vezes acabam por entrar num «portfolio invisível» porque as marcas optam por não comunicar o designer e/ou fornecedor. Depois, existe todo um trabalho de suporte a projetos, como é o caso das já mencionadas colaborações com grandes artistas internacionais, como Ai Weiwei e Pedro Cabrita Reis, mas também de parcerias com arquitetos e designers em projetos *one-off*. Este é o segundo pilar. Para a sua grande retrospetiva em Lisboa, Ai Weiwei realizou uma escultura em tamanho real do seu corpo («Brainless Figure in Cork»), integralmente feita em cortica, e Pedro Cabrita Reis escolheu a cortiça como matéria-prima para a sua interpretação contemporânea de «As Três Graças» (expostas no «Jardin des Tuileries» em Paris).

Em ambos os casos, a equipa do ACC Design Studio esteve por trás do projeto, acompanhando e assessorando o seu desenvolvimento, quer em termos de escolha e comportamento do material, quer na realização das próprias esculturas, utilizando tecnologias de incrível precisão, como o CNC, para «talhar» a cortiça obtendo as formas desejadas pelos criadores. «Aqui muitas vezes o desafio é experimentar coisas novas, e sem a pressão do mercado temos de facto espaço para isso», resume Raquel Laranjeira, a propósito destes projetos. O terceiro pilar, absolutamente estratégico, é a educação e influência. «A ideia é influenciar estudantes de design e de arquitetura, em Portugal e no estrangeiro, a utilizarem este material, a cortiça, a experimentarem este material». Para isso, a equipa do ACC Design Studio realiza diversos workshopse formações, onlinee  $presenciais, transmit indo \, conhecimento \,$ e ferramentas para uma aproximação criativa, e até disruptiva, da cortiça. Fá-lo junto de várias instituições académicas em Portugal, onde a cortiça é um material conhecido, mas também no estrangeiro, como são exemplos os workshops de verão da Boisbuchet (centro internacional de pesquisa para design e arquitetura), em França, ou um programa, que arrancará em setembro, com a prestigiada ECAL (uma das dez melhores escolas de arte e design do mundo), na Suíça, entre muitos outros exemplos de colaboração.

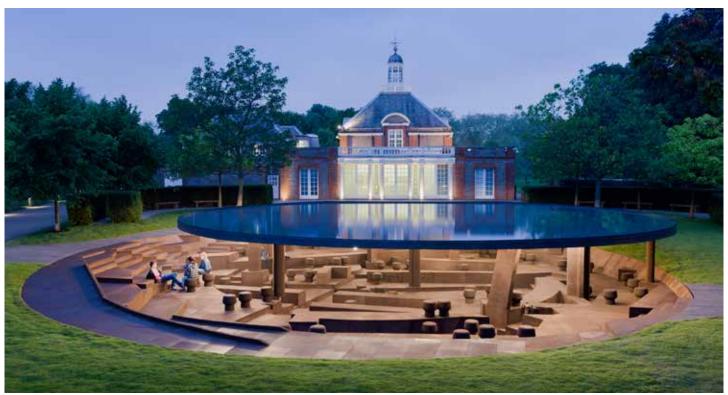




© Juliette Bayen, 2021

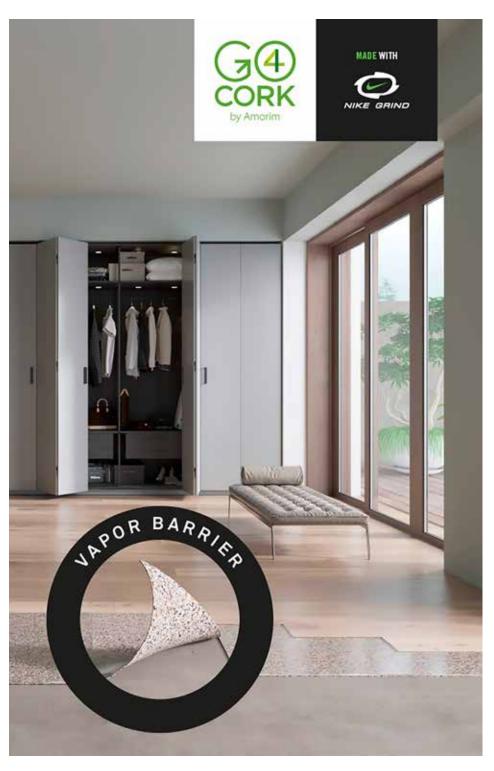
## Design, inovação e criatividade

Em qualquer projeto em que o ACC Design Studio esteja envolvido, haverá sempre uma combinação irrepetível de design, inovação e criatividade. Isso acontece quando a equipa trabalha num projeto para um cliente externo (por exemplo, a Belvedere), quando lança novas referências num projeto próprio (por exemplo, a coleção de cortiça e cerâmica Alma Gémea) ou quando colabora com um designer internacional no desenvolvimento de uma linha de mobiliário (por exemplo, Tom Dixon). Cada projeto lança um novo olhar sobre a cortiça, cada projeto é uma pergunta, e uma (ou várias) respostas, cada projeto representa a possibilidade de abrir mais um caminho para a cortiça. «Desenvolvemos o conceito desde o zero», explica Raquel Laranjeira.



© Iwan Bann, 2012

# Subpavimento com materiais reciclados da NIKE



A Corticeira Amorim acaba de lançar no mercado norte-americano um novo produto com materiais reciclados da Nike. O subpavimento Go4cork Blend com Nike Grind, produzido pela Amorim Cork Composites, pretende ter um impacto positivo no ambiente através da criação de uma solução sustentável que assenta nos princípios da economia circular. A Amorim Cork Composites utilizou na composição deste produto compósitos de cortiça e espuma de EVA; proveniente dos excedentes do processo de fabrico de calçado da Nike (Nike Grind). A nova solução assenta numa formulação que visa proporcionar um elevado desempenho ao subpavimento. Isto devido às características únicas que a cortiça confere a esta aplicação: durabilidade, conforto, impermeabilidade, anti-vibração e isolamento térmico e acústico. Segundo um estudo levado a cabo pela consultora EY, o balanço de carbono do subpavimento Go4cork Blend com Nike Grindé negativo, representando - 5.5kg CO<sub>2</sub> eq/m2. Isto significa que este produto promove um sequestro de carbono no montado que é superior às emissões de CO<sub>2</sub> que resultam da sua produção. O subpavimento Go4cork Blend com Nike Grindé, por isso, uma excelente opção para quem procura uma solução sustentável e de alta performance. António Rios de Amorim, presidente e CEO da Corticeira Amorim, destaca o facto de «o produto refletir uma aposta contínua da Corticeira Amorim na área da economia circular, assumindo a sustentabilidade como um compromisso e como um dos pilares estratégicos da atividade da empresa». Salienta ainda, «no futuro, a Amorim Cork Composites continuará a fazer o que faz de melhor: acrescentar valor à cortiça de forma competitiva, diferenciadora e inovadora».

# Employer Branding: a contínua aposta nas pessoas

Num ecossistema laboral especialmente dinâmico, atrair, captar e reter talento é cada vez mais um desafio para as empresas. Na Corticeira Amorim, uma empresa marcada pela cultura familiar e o pragmatismo, mas também pela ambição e a ousadia, o *Employer Branding* é hoje uma prática comum, que valeu ao grupo o terceiro lugar no ranking «Employer Brand Research 2022» da Randstad, na categoria Empresas Industriais.

Como se constrói e mantém vivo o espírito de equipa numa empresa centenária, líder no seu setor, num ambiente de trabalho em que convivem atualmente quatro gerações (Boomers, X, Millennials e Z)? Como evolui a cultura da empresa num contexto cada vez mais competitivo, em que a gestão de pessoas se atualiza constantemente, para dar resposta aos desafios de novos paradigmas do mundo laboral? Como se posiciona e diferencia a empresa no mercado, face aos outros empregadores e face a potenciais colaboradores? Alexandra Godinho, diretora de Recursos Humanos na Corticeira Amorim, esclarece: «Nos últimos anos, a nossa marca de empregador tem evoluído significativamente. Embora não sejamos uma empresa de grande consumo, a nossa notoriedade tem aumentado claramente, quer pelos

bons resultados da empresa, quer pelo facto de termos passado a comunicar com o exterior de forma mais intencional». Os bons resultados obtidos pela Corticeira Amorim no ranking de «Employer Brand Research» – terceiro lugar na categoria Empresas Industriais em 2022, primeiro lugar em 2021 – confirmam esta perceção. Trata-se de um inquérito que a Randstad realiza todos os anos, a nível mundial, e que em Portugal se realizou em janeiro de 2022, perante uma amostra de cerca de 5000 pessoas, entre os 18 e os 60 anos, representativa da população portuguesa. As pessoas são questionadas em relação às empresas que consideram ter melhores atributos em determinadas categorias, e assim é possível fazer um retrato da forma como as organizações são percecionadas como sendo mais ou menos apetecíveis.

### Pés no chão e a cabeça nas nuvens

E que cultura é esta que caracteriza a Corticeira Amorim, e que contribui, pelo menos em parte, para a forma como a empresa se posiciona e é percecionada? «Se tivesse que destacar um aspeto na nossa cultura, seria o pragmatismo. Desde logo muito veiculado pela nossa gestão de topo: temos de fazer acontecer. Por isso, precisamos de pessoas muito orientadas para concretizar», afirma Alexandra Godinho. «Quando digo que temos os pés no chão e a cabeça nas nuvens refiro-me a esse pragmatismo, mas também ao drive e à ambição que nos caracterizam, e que estão lá em cima. Nas nuvens, no sentido de sonhar alto».

Numa empresa com mais de 150 anos de história, é a complementaridade entre









diferentes atributos que faz a diferença na construção da marca de empregador. «Sentimos que de facto há uma evolução no Employer Branding. A Corticeira Amorim era percecionada como uma empresa familiar, segura, estável e tradicional. Hoje a marca afirma-se pelos seus bons resultados, pelo facto de ser uma empresa portuguesa líder internacional, por ser sustentável», refere a diretora de Recursos Humanos da Corticeira Amorim. «Hoje em dia, as novas gerações valorizam a sustentabilidade. A sustentabilidade projeta-nos, é um grande argumento», conclui. No entanto, estes atributos não bastam. O segredo está, literalmente, nas pessoas: «Cada vez mais notamos que a nossa reputação e a nossa marca como empregador estão relacionadas com experiências concretas das pessoas. A principal fonte de Employer Brandingsão as pessoas que trabalham aqui. É a experiência concreta delas enquanto colaboradores que determina se nos recomendam na sua rede de contactos», sintetiza.

# Uma paisagem humana intergeracional

Na Corticeira Amorim, o recrutamento de jovens é um objetivo claro. Por isso, a equipa de recursos humanos trabalha para recrutar jovens de forma diferenciada, estreitando as ligações e parcerias com instituições universitárias e desenvolvendo programas de estágios. Esses programas de *trainees* têm, aliás, alimentado, em grande medida, o recrutamento de quadros técnicos da Corticeira Amorim ao longo dos últimos anos e contribuído,

de um modo fundamental, para a marca de empregador da empresa. Contudo, esta aposta nos jovens não compromete a valorização das gerações mais experientes, e é nesse equilíbrio que reside a singularidade da paisagem humana da Corticeira Amorim: «Neste momento temos esse *mix* de quatro gerações diferentes em contexto de trabalho. O facto de termos evoluído tanto do ponto de vista organizacional, e tecnológico, provocou mudanças profundas. Conseguimos evoluir, mudar mesmo em termos de paisagem humana», resume Alexandra Godinho. «Hoje em dia só recrutamos novos colaboradores com o 12º ano, mas ao mesmo tempo reconvertemos pessoas que já cá estão há muito mais tempo». A evolução tecnológica obriga a uma

atualização permanente. Na Corticeira Amorim, a transição digital e a introdução de novas tecnologias e processos, transversais a todas as unidades de negócio, acabam por condicionar a mão de obra. «O crescimento da empresa tem permitido absorver esse impacto, encontrar funções para as pessoas e reconverter outras, dando-lhes formação para que possam aprender mais em determinadas áreas e reforçar as suas competências». A atualização é imperativa: «Para responder a esta mudança de paradigma, teremos de continuar a apostar nas pessoas, porque aquilo que sabem hoje tem grande probabilidade de estar obsoleto daqui a uns anos. As pessoas vão ter de estar a aprender constantemente».

## Novos desafios de liderança

Num contexto pós-pandémico, colocam-se novos desafios de liderança e gestão de pessoas. As alterações no ambiente social e a entrada de novas gerações no mercado de trabalho vieram alterar substancialmente as regras do jogo. O teletrabalho afirma-se com força, o work-life balance é um requisito, já não se procura um emprego para a vida, e as pessoas estão cada vez mais disponíveis para mudar. Isso cria enormes desafios para as empresas, sobretudo no capítulo da retenção de talento. «Os lugares até podem ser os mesmos», explica Alexandra Godinho. «Mas as cadeiras estão sempre a mudar. Há uma geração nova no mercado de trabalho que claramente tem um paradigma diferente. Eles colecionam experiências, querem experimentar já, e não querem esperar por algo distante. É uma geração provavelmente com uma relação muito mais saudável entre o trabalho e outras dimensões da vida. Uma geração muito focada, com uma enorme produtividade quando está concentrada e motivada. Aquele tempo que estão connosco, estão de facto, inteiramente para nós».

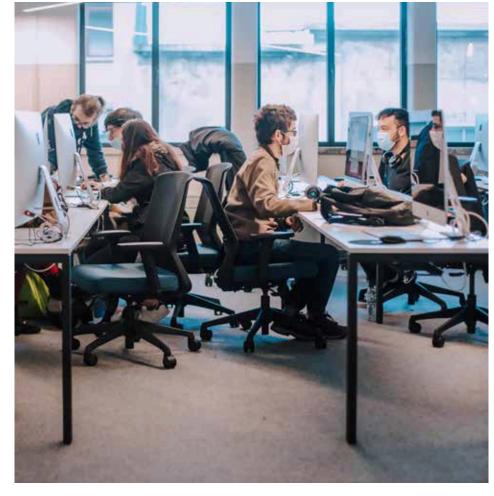


# 42 Porto, uma missão repleta de oportunidades

A Corticeira Amorim é corporate partner da 42 Porto, a inovadora escola de programação lançada em Paris em 2013 que agora chega à cidade portuense. Assente num método que promove a aprendizagem sem o formato tradicional das salas de aula, sem professores e sem horários, na 42 Porto aprender-se-á de forma prática,  $desenvolvendo\,projetos\,entre\,pares, num$ modelo assemelhado a um jogo (gamification). Assim, e para além das competências técnicas, cada aluno potencia a capacidade de comunicação, o trabalho em equipa e a resolução de problemas, tal como a criatividade, a autonomia e a resiliência. Os únicos requisitos para uma candidatura ao curso da 42 Porto, cujas inscrições estão abertas 365 dias por ano, são o 12º ano concluído e idade igual ou superior a 18 anos. Oprograma demora entre 12 e 18 meses a concluir, assumindo uma dedicação de cerca de 40h por semana. Ainda antes de receberem o diploma, os alunos terão uma experiência profissional na área. Após este conhecimento mais profundo do mercado de trabalho, os estudantes poderão regressar à 42 Porto para complementar o curso com uma especialização à sua escolha, entre cyber security, web development, data analytics, entre muitas outras. A totalidade do programa da 42 Porto é 100% gratuita pois as propinas são pagas pelos mecenas. Empresas, instituições e organizações que como a Corticeira Amorim veem neste projeto «uma missão repleta de oportunidades», declara Alexandra Godinho, diretora de Recursos Humanos da Corticeira Amorim. «A nossa intenção é maximizar os impactos da 42 Porto, aproveitando para as nossas empresas as muitas aprendizagens

adquiridas ao longo de quase 10 anos de sucesso desta pedagogia disruptiva. Isto tanto no que concerne à formação de excelência dos alunos, como na interação que possamos vir a ter em termos de estágios e projetos, ou simplesmente estimulando os nossos colaboradores a envolveram-se seja através de conferências, workshopse/ou mentoria».

O reforço do *employer brand*, o acesso a talento na área da tecnologia, e a possibilidade de explorar uma rede de contatos internacionais associada às escolas 42 espalhadas pelo mundo (estas escolas tem atualmente mais de 15 mil alunos em 25 países), constituem-se como outras mais valias da parceria à 42 Porto.



# Amorim volta a vencer Prémio de Sustentabilidade da revista World Finance

A Corticeira Amorim venceu pelo quarto ano consecutivo a categoria «Wine products industry» dos Prémios de Sustentabilidade da revista World Finance. A empresa portuguesa foi, assim, reconhecida pela promoção do montado, da biodiversidade e dos serviços dos ecossistemas, pelo fomento, suporte e investimento em Investigação & Desenvolvimento + Inovação, e pela implementação dos melhores princípios, modelos e práticas da economia circular. Premissas que resultam num alagado portfólio de produtos, soluções e tecnologias de superior performance técnica combinada sempre com credenciais de sustentabilidade sem paralelo no mercado. O júri deste importante galardão sublinhou ainda o compromisso da empresa com

a sustentabilidade alinhado com as diretrizes da Global Reporting Initiative, a associação à ação 50 Sustainability & Climate Leaders, e a certificação FSC (Forest Stewardship Council) de grande parte das suas unidades de transformação. A eficiência energética, a gestão responsável de fornecimentos e o impacto ambiental positivo do produto foram outras mais valias determinantes para a distinção. Valorizados igualmente a promoção da formação, segurança e bem-estar, bem como o desenvolvimento social, pessoal e profissional, de todos os colaboradores e colaboradoras da Corticeira Amorim.

Destaque também para «a proposta de valor de longo prazo da Corticeira Amorim, a emissão de obrigações verdes no valor de 40 milhões de euros, o investimento contínuo em Investigação & Desenvolvimento + Inovação, 10 milhões de euros/ano, e a estratégia de sustentabilidade assente nos pilares ambiental, social e económico». O júri dos Prémios de Sustentabilidade da revista World Finance enalteceu igualmente o balanço negativo de CO2 das rolhas de cortiça da Corticeira Amorim, produtos que têm um contributo «relevante para a descarbonização da indústria vinícola». Começando pelas rolhas de cortiça naturais, passando pelas rolhas para espumosos, pelas rolhas microaglomeradas e pelas rolhas bartop, todas as famílias sem exceção de produtos da Amorim Cork, Unidade de Negócio Rolhas da Corticeira Amorim, estão agora certificadas com uma declaração do seu balanço de carbono negativo.

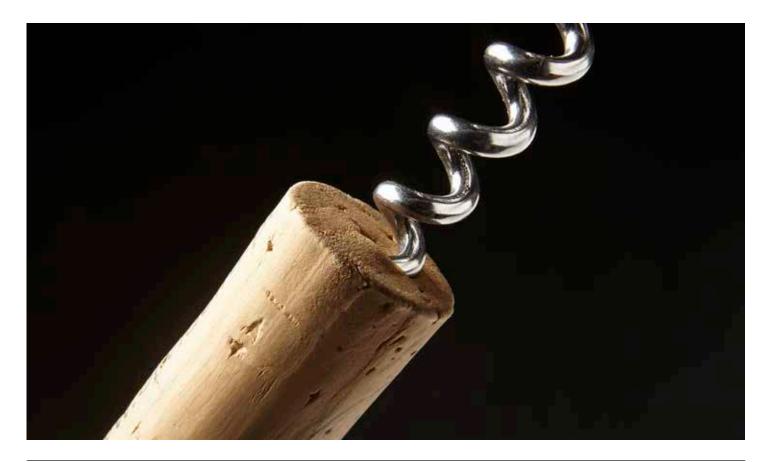


# Melhores vinhos do mundo utilizam rolhas de cortiça

As rolhas de cortiça são os vedantes utilizados por 91% dos melhores vinhos do mundo hierarquizados no Wine Spectator's Top 100 do ano passado. O número esmagador, que é revelado num estudo recente conduzido pela 100% Cork e pela APCOR — Associação Portuguesa de Cortiça, confirma a tendência dos últimos anos: a rolha de cortiça é o vedante preferido pela grande maioria dos consumidores de vinho. De resto, 2021 surge como o ano em que existe uma maior percentagem de vinhos vedados com rolhas de cortiça no Wine Spectator's

Top 100 (isto desde 2016, data em que a 100% Cork começou a monitorizar a lista). Mais três números que comprovam a rolha de cortiça como o vedante dos vedantes: entre 2010 e 2020, e segundo um relatório da consultora Nielsen, as vendas de vinhos vedados com rolhas de cortiça entre as 100 melhores marcas *premium* cresceram 97% comparando com os 6% dos vedantes alternativos; ainda segundo o mesmo estudo, a quota de mercado dos vinhos *premium* vedados com rolhas de cortiça saltou no mesmo período de 47% para 67,6%;

e 31 dos 33 vinhos americanos selecionados na lista Top 100 da Wine Spectator de 2021 eram vedados com rolhas de cortiça (94%). A lista Top 100 de 2021 foi encabeçada por Dominicus Estate, Napa Valley 2018, Château Pichon Longueville Lalande, Pauillac 2018 e Heitz, Cabernet Sauvignon Oakville Martha's Vineyard 2016. A Wine Spectator, prestigiada revista norte-americana especializada em vinhos, elabora a sua lista anual Top 100 desde 1988. Os critérios de seleção incluem qualidade, valor, disponibilidade e história por detrás do vinho.



AMORIM NEWS

# Traços de Gente



# **AMORIM**

# Sustainable by nature